

Os narradores midiáticos e seus reflexos

Rogéria Eler

É professora Adjunta na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.
rogeler.ead@gmail.com

Resumo

O advento tecnológico, associado às características do sujeito pertencente ao conceito denominado modernidade líquida, vêm alterando gradualmente as relações sociais. A motivação deste trabalho advém da urgência em sinalizar ao contexto educativo, desde o ensino básico ao acadêmico, sobre as alterações ocorridas no perfil de seu público alvo, tornando-se necessária uma revisão nos métodos, para que esses venham acrescentar abordagens aos desafios emergentes.

Palavras-chave: Modernidade líquida. Educação. Narradores midiáticos. Instalação interativa.

The media storytellers and your reflexes

Abstract

The technological advent, associated with the characteristics of the subject belonging to the concept called late modernity, is gradually changing social relationships. The motivation of this work comes from the urgency to signal the educational context, from basic education to the academic, on changes in the profile of its target audience, making it necessary to revise the methods so that these will add approaches to the emerging challenges.

Keywords: *Liquid modernity. Education. Media storytellers. Interactive installation.*

Introdução

A motivação da proposta deste trabalho emerge em meio à prática docente, nas inúmeras vezes em que se viu, no cotidiano acadêmico, os conflitos de gerações, especialmente, no contexto da disciplina sobre mídias e a educação, disparidades em

relação às proximidades com as tecnologias contemporâneas, onde a linguagem midiática, em meio às conversações, eram um fator de oposição. Também foi motivador o interesse dos estudantes da geração líquida em agregar suas experiências pessoais, motivados pelas narrativas transmídia e seus desdobramentos, nos trabalhos acadêmicos.

O texto que se segue são reflexões advindas da Tese de Doutorado intitulada “A educação do século XXI nas mãos da inteligência coletiva: narradores midiáticos nos reflexos dos narcisos digitais”¹ a qual tem como motivação principal contribuir com a reflexão acerca das estruturas de ensino do contexto educacional formal, do básico ao acadêmico, com o intuito de potencializar o caráter narrativo emergente proveniente das experiências do sujeito com a convergência das mídias digitais. De forma mais abrangente pretende-se identificar o indivíduo narcísico na modernidade líquida, bem como destacar as influências advindas dos meios de comunicação, e conseqüentemente, seu aprendizado informal midiático e o fluxo das produções independentes.

E de forma mais específica, pretende contribuir com análises de abordagens metodológicas que contextualizam a realidade da convergência das mídias digitais às práticas educativas. Também se pretende uma reflexão poética, das características do indivíduo contemporâneo influenciado pelas mídias, a partir de uma instalação em arte digital.

O Lago

A partir do contexto midiático contemporâneo, como já abordado, um número relevante de pessoas, além de carregar suas experiências prévias latentes, tem suas ações condicionadas pelo sistema da convergência entorpecente e empoderador. Isto significa dizer que a cultura participativa, “uma transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p.29-30), não se limita só ao contexto midiático, mas suas ações e posicionamentos estão vigentes se fazendo perceber em todas as esferas as quais conviverem, principalmente nas instituições formativas como família,

¹ Tese de Doutorado em Mídia-Arte Digital – Universidade do Algarve em parceria com a Universidade Aberta de Portugal.

a escola, dentre outras. A complexidade não se restringe ao posicionamento, mas também no conflito de gerações, nas relações onde os posicionamentos são evidenciados.

Bauman (2008) propõe os conceitos das sociedades sólido-moderna e líquido-moderna quando destaca uma diferença radical entre as duas sociedades que dividem os mesmos espaços, lares, trabalhos, dentre outros relacionamentos, buscando estabelecer um diálogo para interagirem. Bauman (2008) pontua que a geração sólido-moderna concebe uma atividade após a outra, prioriza o policiamento e cadeias de comando, bem como é inclinada a treinar e exercitar o sujeito. Enquanto isso a geração líquido-moderna produz suas atividades enquanto assimilam uma série de outras ações ao mesmo tempo, não mantêm um só ritmo, dispersam-se e juntam-se novamente, deixando-se guiar por referências mutantes.

Os nascidos a partir de 1970 (JENKINS, 2009) foram, ao longo do tempo, estabelecendo uma comunicação de contiguidade com as novidades tecnológicas, como computadores pessoais, videogames e internet. A geração líquida, diferente da geração sólida gerenciada por características norteadoras de conduta e pensamento, conhecem sua imagem a partir de superfícies fragmentadas, como por exemplo as plataformas digitais. Estas superfícies dialogam com a essência da natureza líquida a que foram configurados, estão sempre em metamorfose.

As sociedades sólido e líquido modernas, concomitantes, estão imersas no que Bauman define como modernidade líquida: “uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2007, p.7). Esta sociedade não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo por causa da própria insegurança que a cariz efêmera desencadeia. Para Bauman “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (BAUMAN, 2007, p.8).

A sociedade e suas configurações contemporâneas são temas emergentes, em que cada área de conhecimento dedica-se em refletir sobre seus percursos. Byung-Chul Han (2014), filósofo germano-coreano, destaca a complexidade das ações do indivíduo a partir da metáfora da transparência, segundo ele, há uma transição entre a negatividade e a positividade, em que a sociedade da transparência manifesta-se em primeiro lugar como uma sociedade positiva (HAN, 2014, p.12). As coisas tornaram-se transparentes quando

ao abandonar a negatividade entrega-se sem resistência ao capital, à comunicação e à informação.

Walter Benjamin (1994) ao refletir sobre essa entrega e à influência das mídias impressas, no seu primórdio, destaca tal impacto no processo que viria dizimar a prática oral da expressão narratológica anônima cultural dando lugar a relatos autorais caracterizados pela imprensa. O autor confronta-se com o processo de decadência da narrativa, por ela estar em prol da informação, a qual é controlada e censurada. Em especial destaca quão raras são as pessoas que sabem narrar devidamente, bem como, que as ações da experiência estão em baixa em vias do desaparecimento.

Diante deste desafio, faz-se necessário aproximar do narrador, identificado por Walter Benjamin, em diálogo com outros autores, para compreender qual o perfil de um narrador, as características de uma narrativa, bem como, qual o processo que desencadeou o silêncio dos narradores. Apoiando-se no recurso midiático, que na altura desmereceu, Benjamin propõe uma reflexão ao narrar o contexto de guerra e a voz embargada pela tragédia: Ainda será ponderado os aspectos da narrativa nos veículos midiáticos e a crescente experiência de histórias contadas de forma individual e coletiva.

Da noite para o dia não somente a imagem do mundo exterior mas também a do mundo ético sofreram transformações que antes não julgaríamos possíveis. Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e o minúsculo corpo humano (BEJAMIN, 1994, p.198).

As experiências das últimas tragédias, tanto naturais quanto as provocadas pelo homem como as guerras e fenômenos da natureza, desencadearam o descrédito do ser humano em relação ciência e à tecnologia, que não foram capazes de proteger ou mesmo livrar suas gerações das ameaças externas. Tais frustrações foram ao longo do tempo

descaracterizando o valor das comunidades, das ações coletivas, representadas pelo sacrifício e pelo bem comum, provocando assim um descentramento do outro, em prol da centralização do eu.

Diante desse relato observa-se que as mudanças em relação ao posicionamento do indivíduo líquido faz parte de um processo anterior ao advento das mídias contemporâneas, são transformações sofridas pela sociedade ao longo de décadas, entendido por Bauman como o desencadeamento da modernidade líquida. Em meio a tais posturas vivenciam-se as influências do processo da convergência das mídias reforçando o individualismo e ações independentes que acabaram também por silenciar a voz dos que viviam a experiência, e a narrativa ganhou outros suportes e sujeitos, para seu desenvolvimento.

Os narradores

Benjamin (1994) destaca que a figura do narrador foi desenvolvida na presença de dois grupos: do narrador viajante, alguém que tinha muitas histórias para contar, e também do narrador patriota, aquele, que sem sair do seu país conhecia suas histórias e tradições. Ambos foram promotores das narrativas orais. O autor (1994) conclama duas figuras arcaicas para definir esses dois narradores “o camponês sedentário e o marinheiro comerciante” (BENJAMIN, 1994, p.199). Para Benjamin, essas famílias de narradores conservaram no decorrer dos séculos, o que o sistema corporativo medieval contribuiu para sua interpenetração, a fusão dos dois grupos.

Contudo, para o autor, estas representações perderam seu *locus* ao longo dos séculos. A primeira pontuação que indicou a morte da narrativa (1994) foi no surgimento do romance, limitado ao livro, pelo advento da imprensa. Outra pontuação foi o surgimento do cronista, o qual narrava momentos históricos cronológicos. E ainda pontua a estratégia do jornalista que sujeita as notícias a serviço da informação e não para a narrativa (BENJAMIN, 1994, p.203).

Conforme esclarece, Benjamin (1994) a narrativa, detinha uma utilidade, o ensinamento moral, a sugestão prática, o provérbio ou norma de vida (BENJAMIN, 1994, p.200). Esta constatação do autor acompanha uma reflexão sobre sua perspectiva em relação à decadência de seu tempo, quando destaca que, ao longo de um processo, a arte

de narrar está definindo porque a sabedoria e a verdade estão em extinção. (BENJAMIN, 1994, p.201).

Byung-Chul Han (2014) também discorre sobre essa falibilidade da narrativa na sociedade da transparência, onde a perda do caráter narrativo esvazia a aparência da sociedade (HAN, 2014, p.55). Han considera a falta de sociabilidade o ponto crucial desse esvaziamento, pois o caráter social faz perpetuar uma cultura e suas narrativas, sem esses espaços as relações sucumbem para o isolamento.

As experiências desencadeadas em narrativas procuram um espaço para sua representação. Han (2014) define o teatro como lugar de representação de expressões e sentimentos objetivos, que contrapõem a definição do mercado, que é um lugar de exposição. Desta forma, para o autor, o mundo não é hoje um teatro, que se representa ações sentimentos, mas um mercado de exposição e consumismo de intimidades (HAN, 2014, p.53).

As contribuições de Walter Benjamin (1994) descritas no século XX, afirmam que as narrativas advindas das experiências, que foram transmitidas de pessoa para pessoa, são a fonte de todos os narradores, sendo melhores aquelas experiências contadas pelos “inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1994, p.198). Os argumentos descritos destes dois autores permitem perceber, historicamente, como caminharam as informações e como as narrativas se detiveram a serviço da informação.

Lima (2015) considera que “a narrativa permite ao narrador narrar o modo de viver (costumes, rituais, estímulos culturais e simbólicos) de pensar (filosofia) de sentir e de agir do homem, e tudo o que está ao seu redor” (LIMA, 2015, p.2). A autora considera que no final do século XX e início do século XXI surgiram novos modos narrativos, os narradores que não se adequam conforme as teorias tradicionais, provocando uma busca por conceitos que definam um narrador contemporâneo.

Lima (2015) procura destacar, em meio ao romancista, cronista, jornalista, dentre outros, o surgimento do “narrador fotógrafo, que com sua câmera, dará início a um processo narrativo visual, documental e memorial” (LIMA, 2015, p.2). A autora sugere que a fotografia utiliza dos elementos narrativos como personagens, cenários e enredos para apreender as subjetividades ao apresentar o discurso real daquilo que está ao redor no momento vivido, experienciado (LIMA, 2015, p.3). Esta descrição deflagra o narrador como aquele que traz sua perspectiva de mundo a partir do suporte tecnológico. Como

este, vários exemplos se evidenciam na contemporaneidade, onde a voz do narrador procura emergir.

Este exemplo, é característico de fragmentos narratológicos em meio ao que se conheceu por uma modernidade líquida, de indivíduos envolvidos em seus reflexos em movimento. Nesta ebulição, as abordagens de narrativas orais, sobre fatos e eventos, que se perpetuam de geração para geração, ainda são tentativas intrínsecas à geração sólida. À parte das grandes narrativas atribuídas ao romancista, ao cronista, ao jornalista, dentre outros, sempre surgem narradores anônimos tentando narrar alguma coisa. Não faltam narradores, ou histórias a serem contadas, com um grau aplicável, no entanto, faltam indivíduos que queiram ouvi-las.

As estruturas da narrativa, como se conhecem, a partir da literatura, cinema, teatro, estenderam-se para o rádio e televisão, configurando assim o espaço da comunicação. Atualmente a convergência das mídias digitais expandem seus conteúdos, com inúmeras estratégias narratológicas e interativas, com o intuito de manter e aumentar a audiência e o consumismo.

Contudo, com a proliferação e popularização das mídias digitais alterou-se as regras de receptividade, e as premissas emissor-receptor deram lugar a emissor-receptor/narrador a partir do universo das mídias contemporâneas. Esta ruptura da comunicação unilateral, desencadeou a produção criativa *translateral*, a qual vem gerando narrativas anônimas advindas de todos os segmentos. A apropriação de histórias reais e ficcionais, possibilitam abordagens de temas políticos, socioculturais, editadas a partir de possibilidades das mais simples às mais complexas, sendo disponibilizadas em uma mídia aberta.

Compreende-se então que, os narradores anônimos, que usam os suportes midiáticos, estão envolvidos em vivências com o mercado, espaços onde o duplo reflexo do eu, e suas produções, estão em movimento. Contudo, é na *translateralidade* das suas experiências, que as narrativas independentes são construídas, refletindo o referencial identitário cultural, sob o qual está imerso o narrador midiático, nos moldes das relações interpessoais, referenciadas pelo passado e presente. Estas motivações para o ato de narrar detêm um campo fértil para diálogos que promovam trocas de experiências.

Tais experiências podem ser vivenciadas nos espaços formativos, amparadas por projetos que busquem refletir sobre o lugar da narrativa, e como esta pode, a partir das

considerações sobre sua falência, renascer na voz dos narradores midiáticos. O contraponto que configura as diferenças entre as motivações nas abordagens narratológicas contemporâneas pode ser refletido nas metáforas entre o mercado e o teatro. O mercado propõe uma exposição de mercadorias, enquanto o teatro a dramatização de uma narrativa.

Desta forma, se faz relevante considerar que alguns sujeitos, mesmo diante de suas potencialidades, caminham para uma negação da própria imagem identitária cultural e linguística, manipulada e estabelecida pelos idealizadores do lago cibernético. Diante disso o autoreconhecimento é necessário e pode vir a promover a emancipação dando ao locus midiático outro caráter, vindo este a ser potencialmente um meio e não o fim.

Pondera-se, que uma porcentagem relevante dos sujeitos da modernidade líquida, influenciados também pela cultura da convergência das mídias, cederam a alguns simulacros identificados como uma cultura digital, intensificando fragilidades sociais às quais, os sujeitos da modernidade sólida, renegaram. Um exemplo é a indignação das guerras por causa da fragilidade humana, o deslocamento para o eu emergencial, o contra senso da intolerância relacional e a inconsequente exposição da auto imagem egóica paralela à tragédia do outro.

Esta prática é percebida tanto nos veículos de comunicação que após reproduzirem reportagens sensacionalistas de situações de infortúnio mudam automaticamente para um quadro de entrevistas com ícones midiáticos explorando seus corpos e suas vidas íntimas, quanto em *time lines* de pessoas anônimas nas redes sociais que expõe a autoimagem, bem elaborada, ao mesmo tempo que usa indevidamente imagens alheias, em sua maioria em contexto trágico.

Ao abandonarem as referências reflexivas do passado e do futuro, privilegiaram o presente subjetivo, contudo foram iludidos por promessas interpretativas e sensórias de um presente onde o lago midiático enlaça, em *looping*, as narrativas expositivas e autocontemplativas. Há contudo, dentre essas experiências midiáticas, vozes que querem contar histórias reais ou imaginárias no intuito de trazer reflexões para a humanidade e também para a própria cultura.

Enquanto isso as crianças nascidas no século XXI têm a interação com as mídias como uma forte presença em meio às relações e práticas sociais. Estas estão assimilando o consumismo midiático, em um processo de endoculturação, estão aprendendo a vida

em sociedade “a partir do que observam e vivenciam desde seu nascimento” (ASSIS & NEPOMUCENO, 2008, p.3).

Provocar o olhar autocontemplativo para perceber a relevância das referências periféricas e as relações sociais, que perduram e solidificam uma cultura, é um desafio emergente. Esta conversão desloca o olhar de si para uma percepção do seu próprio contexto cultural, promovendo a voz emancipada do narrador midiático. Este processo de formação e conscientização ainda pode vir a ser assimilado pela sociedade líquido-moderna.

O reflexo

A partir das reflexões e ponderações acima discorridas, que perpassam pelas características da modernidade líquida e a morte da narrativa bem como seu possível renascer nas narrativas anônimas, a partir das mídias contemporâneas, propõem-se considerar as discussões, problematizações, e possíveis diálogos frente ao contexto emergente contemporâneo, transcendendo os muros da Academia, através de uma instalação artística que permitiu mediar diálogos com a comunidade.

A instalação E-Reflexos tem como conceito básico a presença narcísica na cultura digital contemporânea e no impacto que as tecnologias midiáticas têm sobre suas ações, principalmente, no que diz respeito à forma como explora e apresenta a sua própria imagem. Esta consiste num espaço cênico onde o espectador, através do seu reflexo, passou a fazer parte da própria instalação. Pretendeu-se, com esta instalação, levantar questões acerca da sua própria prática enquanto receptor/espectador, bem como produtor/criador de conteúdo midiático.

As características relacionadas ao mito Narciso são comportamentos adquiridos ao longo do processo das mudanças da sociedade contemporânea, são sintomas advindos de confrontos, posicionamentos, ou a falta deles, diante da modernidade líquida. As reflexões metafóricas acerca do mito refletem pensamentos em busca de compreender situações na era contemporânea, sobretudo nas dinâmicas com as mídias.

Para além da estória conhecida Silva (1995) propõe o texto onde Oscar Wilde discorre sugerindo uma sequência da narrativa que se desenrola após a morte de Narciso. No texto considera-se que após a morte de Narciso discorre-se um diálogo entre as Oréadas e o Lago. Elas choram pela morte de Narciso e lamentam sua ausência por ele

ser tão belo, e o Lago, por sua vez pondera: “Eu amava Narciso porque, quando se inclinava na minha margem e me contemplava, no espelho de seus olhos sempre via minha própria beleza refletida” (SILVA, 1995, p.38 *apud* WILDE, 1980, p.989).

Contextualizando a provocação de Oscar Wilde seria simplista considerar que o indivíduo contemporâneo promove sua imagem nas inúmeras possibilidades em rede, de forma aleatória e descoordenada. É relevante destacar as ações do duplo reflexo advindas das promoções de interação proporcionadas por inúmeras plataformas transmídia idealizadas para serem consumidas, adoradas e admiradas – o duplo reflexo da beleza.

Na sociedade líquido-moderna o Narciso é constantemente sediado pelo lago do consumismo, de onde surgem infinitas ofertas de renascimento e promessas de transformações que, descartar e substituir se tornaram ações comuns, desde objetos até os próprios relacionamentos.

E-Reflexos², é o resultado da reflexão que permeou os conceitos, desenvolvimentos e perspectivas intrínsecas ao mito Narciso, resultado da investigação dos contextos da cultura narcísica e da cultura da convergência dos meios digitais, sendo característicos suas atuações, relações entre sociedade, sistema de controle e consumo. O processo de idealização, desenvolvimento e instalação da obra foi de caráter coletivo, justificado pelos conceitos da arte computacional e arte digital, em diálogo com pesquisadores/professores/artistas, que identificam os narcisos digitais em suas próprias pesquisas.

A instalação foi montada em uma sala com dimensões de 5,10 m X 3,86 m X 3,0. Este espaço contava com duas entradas e uma janela. Uma das portas e a janela foram isoladas e escurecidas com cartolina preta. Na porta, escolhida para a entrada da visitação, foi adaptado um tecido preto. Foram instalados três projetores de vídeo que reproduziram imagens de filmes com base em elementos de abstração geométrica, criados no *Processing 2*, versão 2.2.1, e editadas no *iMovie 10.0.5*, com respectiva banda sonora, construída no mesmo editor, em formato MPEG-4 *movie*, com duração de 06:25.

² A instalação E-Reflexos, que tem como autores Acácio de Carvalho (PT), Rogéria Eler (BR) e Selma Pereira (PT), foi parte integrante da Exposição *EmMeio#7.0* realizada no #14. ART - 14º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, decorrido entre os dias 7 e 11 de outubro de 2015, na cidade de Aveiro, Portugal, podendo ser visitada a partir do endereço: <http://art.medialab.ufg.br>. Esta exposição distribuiu obras artísticas em três ambientes na cidade de Aveiro sendo o Museu da Cidade, a Casa da Capitania e o Museu de Arte Nova.

As paredes interiores e o assoalho (Figura 2) foram forrados com material espelhado, papel polipropileno metalizado cor prata, de modo a refletirem a imagem (sombra própria) do espectador bem como a imagem do filme projetado, compondo a metade da parede e metade do teto (Figura 1).

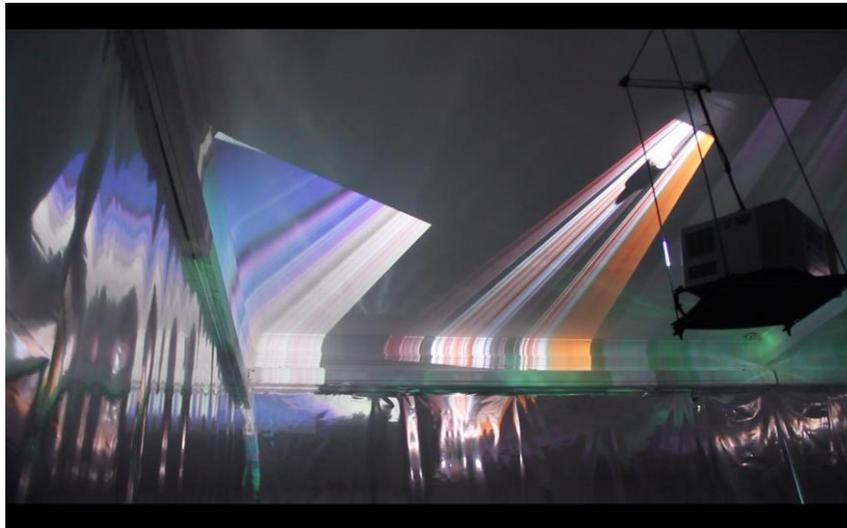


Figura 1. Registro da Instalação E-Reflexos, 2015

Os projetores foram instalados no extremo oposto da projeção de imagens, acionados por célula sensível ao movimento. Com a presença dos espectadores a luz era acendida e a silhueta (sombra própria) dos visitantes refletidas nas diferentes paredes e no assoalho, misturando-se às projeções fílmicas. Os filtros coloridos foram substituídos por uma extensão de cartolina preta. Esta adequação se deu pelo fato de os projetores clarearem muito o ambiente. Com a extensão escura a projeção de luz se tornou mais amena, permitindo visualizar as sombras no assoalho espelhado.



Figura 2. Registro da Instalação E-Reflexos 2, 2015

A interatividade foi possibilitada pela presença do espectador, a partir de suas sombras projetadas nas dimensões do espaço espelhado, criando um discurso visual, onde o Narciso digital foi auto representado, de forma efêmera, criando assim várias e únicas composições gráficas indefinidas.

A observação do comportamento das pessoas no interior da instalação, suas expressões orais acerca da experiência, e as respostas às questões mediadas refletem uma instabilidade de autorreflexão sobre as dinâmicas da autoimagem diante às mídias. Alguns relacionaram a experiência, na sala espelhada, com a multiplicidade de mídias que se pode capturar da sua própria imagem, bem como ressaltaram a possibilidade, naquela experiência, de interagir com seu próprio reflexo em movimento.

Contudo, ao serem informadas acerca do conceito referente à instalação, os narcisos digitais, recuaram no sentido de não mais se incluírem na reflexão, ponderando que os reflexos são próprios das pessoas narcísicas. Discorreram sobre as relações nas redes sociais e a exposição da imagem, os *selfs*, contudo numa postura de análise em relação às outras pessoas não mais sobre si mesmos.

Esta constatação materializa-se no reflexo do Narciso digital na modernidade líquida, a partir da reflexão que este trabalho propõe, bem como na materialização desse conceito na instalação E-Reflexos, resulta em uma imagem (Figura 3) disforme, sem muita nitidez, configurada pela fusão entre o Narciso (sujeito) e o Lago (modernidade líquida) em metamorfose. Embora tenhamos inúmeras leituras, definições e conceitos sobre as características da contemporaneidade essa, está em movimento. Ela vem sendo definida pelos processos culturais afetados pela convergência das mídias e sua empregabilidade, uma nuance indefinida que a imagem (Figura 3) vem representar.



Figura 3. O reflexo da metamorfose dos narcisos digitais

O que se revela desta experiência é que o Narciso digital procura suas auto representações enquanto imagem, ora explícita ora implicitamente. Contudo, não se reconhece no momento de reflexão sobre o contexto e suas características sociais e culturais. Enquanto as ponderações e considerações analíticas forem direcionadas aos outros, perde-se a oportunidade de chamar-se à autorreflexão acerca da própria relação com o contexto midiático e suas influências.

O momento contemporâneo vive um misto de assimilação cultural, diante da influência das mídias, onde as gerações, em suas inúmeras fases têm se envolvido, integrando-as em seu dia-a-dia. Esta integralização pode ser identificada como uma aculturação, “processo de troca e/ou fusão entre culturas” (ASSIS & NEPOMUCENO, 2008: 5). Neste processo estão as gerações sólido e líquido contemporâneas.

O reflexo do momento contemporâneo caracteriza-se em vários padrões culturais e neste trabalho destaca-se três alertas, advindos da convergência das mídias digitais no indivíduo midiático em metamorfose, ainda em um processo sem definição, contudo repleto de significados.

O primeiro alerta diz respeito a imagem e o pensamento do sujeito contemporâneo excessivamente midiático e consumista. O segundo alerta adverte para a urgente necessidade da contextualização do docente e de suas abordagens em relação às práticas midiáticas. O terceiro direciona-se à relevância da potencialização do aprendizado prévio aos processos midiáticos.

O primeiro reflexo, alerta para o pensamento do sujeito da modernidade líquida,

ligado às práticas que priorizam o eu e sua extensão. Essa característica, associada à convergência das mídias, chama a atenção para o indivíduo contemporâneo, que não é mais o mesmo de poucas décadas atrás. Por isso a auto representação do Narciso, através da própria imagem e a extensão dela, em qualquer formato que caracterize sua imagem digital, tem como garantia marcar um território e fazer perdurar o momento contemplativo.

Contudo, quanto maior for o momento contemplativo menor será o reflexivo. O reflexo do sujeito midiático, ora digital, nos alerta para a urgência de mediações necessárias carentes de uma abordagem que venham garantir um diálogo, para que as ações reforçadas nesse fluxo venham ser melhor administradas, pela geração contemporânea, ponderando um legado substancialmente emancipado e ético, das práticas midiáticas, para as próximas gerações.

O segundo reflexo nos alerta sobre a urgente contextualização docente, diante destas práticas e aprendizados a partir da mídia, nos processos formativos educativos, especialmente os informais, onde os *mestres tutoriais*³ equiparam-se aos conteúdos dos pais e professores, contudo de maneira mais alargada e próxima de sua essência líquida, configurando um outro espaço de formação. As instituições educativas formais ainda consistem em um espaço que pode vir a contribuir com informações, reflexões, ponderações, em prol de uma geração autoconsciente de suas ações e sobretudo, de sua parcela de responsabilidade diante da convergência das mídias na contemporaneidade.

O terceiro reflexo traz o alerta sobre os potenciais advindos destas experiências midiáticas, em específico os narradores em formação, provenientes das dinâmicas vivenciadas pela convergência das mídias e das narrativas produzidas a partir de criações independentes. Referências teóricas, bem como experiências práticas, mostram que abordagens mediadas, no contexto acadêmico e escolar, proporcionam aos estudantes desenvolverem trabalhos inéditos, com narrativas próprias e advindas da própria cultura, caracterizando trabalhos reflexivos no processo de criação em arte digital.

As experiências nos processos formativos informais podem ser potencializadas, eticamente e teoricamente, fundamentadas para que sobressaia o caráter criativo

³ A expressão mestres tutoriais vem de um estudo, embasado na pesquisa da Tese de Doutorado que fundamenta este artigo.

superando as práticas intrínsecas ao acesso livre e cada vez mais desregrado. O reflexo do sujeito midiático, portanto, é uma imagem indefinida, que nos propõe várias reflexões e nos incita a perscrutar inúmeras possibilidades, nas diversas áreas onde a mídia, a arte e as práticas, ora digitais, estão inseridas em plena metamorfose.

Os narradores midiáticos e seus espaços formativos

A socialização das mídias digitais envolve inúmeros indivíduos da sociedade, das mais diferentes faixas etárias, compartilhando ideias, pensamentos, produções textuais e imagéticas. Estes indivíduos estão ingressos nas Universidades, Escolas Primárias e Secundárias, imersos em processos formativos relevantes, vivenciando dinâmicas de aprendizado de formas diferentes. Contudo algumas dinâmicas dos indivíduos estão sendo apreendidas em outros contextos formativos geradores do conhecimento prévio, ou mesmo concomitante à instituição. Este sintoma evidencia a urgência de amenizar as fronteiras entre a educação formal e o estudante contemporâneo que tem experimentado, através da mídia, a autoaprendizagem.

Uma porcentagem desses indivíduos também frequenta plataformas de aprendizagem conhecidas como *e-learning*, onde através de metodologias se tem desenvolvido relevantes processos formativos, também *stricto sensu* e *lato sensu*. Aprendizagem em rede e práticas relativas às elaborações em grupo, a partir das redes sociais, são uma constante em várias áreas do conhecimento que vivenciam tais experiências educativas.

Apesar das dinâmicas de aprendizado em rede contribuir para o diálogo e desenvolvimento colaborativo com os nascidos pós 70, como abordado acima, ainda é relevante destacar que os conflitos de gerações se tornam evidentes no cotidiano desses espaços formativos, em alguns casos separando literalmente os grupos sólidos dos grupos líquidos. O aprendizado prévio não deve ser ignorado, contudo ele ainda está imaturo e a fusão entre sólidos e líquidos é uma perspectiva que potencializa a experiência e a maturidade.

Se faz relevante relembrar o que destaca Henry Jenkins (2009) quando afirma que, a sociedade global está sendo moldada pelas mídias contemporâneas através de provocações estéticas de consumo, de inúmeras possibilidades de manipulação e cada vez mais acessíveis aos indivíduos. Importante também destacar que nesse fluxo a

relação com os *mestres tutoriais*, tem gerado uma dinâmica de aprendizado, sem o caráter obrigatório, onde o indivíduo é considerado um potencial, que o impulsiona para a compreensão e realização do proposto.

Nessas interações as produções em grupo tem alcançado relevante dinâmica. A inteligência coletiva, é um termo cunhado por Pierre Lévy, ao propor a junção de dois conceitos, a inteligência coletiva e o ciberespaço. No caso deste texto, bem como da pesquisa que o embasa, entendemos inteligência coletiva numa perspectiva mais alargada onde o potencial desta ação é todo e qualquer coletivo humano em conjunto. Nesta perspectiva reitera-se que os contextos educativos são, em suas propostas metodológicas um potencial de mediação às produções em grupo.

Conforme esclarece Rocha (2014) a cultura é promovida e vivenciada por pessoas: “a cultura não é constituída por espaços, mas por pessoas que ocupam os espaços. E sua base é a consciência, além do comportamento” (ROCHA, 2014, p.102). O interesse anônimo pela narrativa e propagação da mesma, a partir da proliferação das mídias, é um relevante campo de investimento para reflexões e processos metodológicos que venham unir conhecimentos prévios, maturidade, ciência e cultura.

Considerações e propulsões

Através desse trabalho identificou-se, que o indivíduo da modernidade líquida, o sujeito contemporâneo, é formado por transições históricas, de reações mediante a fragilidade da ciência, em relação à humanidade e suas tragédias. O homem contemporâneo vem construindo suas bases a partir do que é importante para si, e com a extensão de si, sobretudo sofre da necessidade de se auto-afirmar, prolongando o momento autocontemplativo, que é ao mesmo tempo expositivo.

Suas características de pensamento, comportamento e conhecimentos prévios, vêm sinalizar ao contexto educativo que seu público alvo tem indicativos diferentes dos previstos, e desta forma torna-se urgente refletir sobre métodos que venham corresponder às gerações contemporâneas.

Nestas movimentações, os sujeitos, além de trabalharem em prol da sua autoimagem, vivenciam interações em rede que proporcionam um aprendizado informal, alargando seu conhecimento acerca de dinâmicas, que envolvem várias áreas

do conhecimento, em especial o interesse pela arte da narrativa. Nesta perspectiva se faz relevante considerar o contexto do aprendizado informal que propiciam um conhecimento prévio mais alargado em relação às práticas midiáticas destacando a influência das narrativas transmídia e o potencial do narrador anônimo.

Conclui-se que, mediante os argumentos e discussões e reflexões até aqui desenvolvidas, estamos diante do desafio de uma auto avaliação do próprio lugar docente que venha mediar diálogos, ações e produções convergindo áreas afins no intuito de conciliar metodologias que privilegiem ações coletivas.

Espera-se que a fase da exposição mercadológica seja sublimada pela emancipação midiática, para que as próximas conexões sejam administradas de forma que os objetivos comuns à sociedade venham ser maior motivo para as interconexões. Que as narrativas sejam representadas como que num teatro onde ágoras sejam possíveis sejam de trocas de discussões e representações que identifiquem grupos e identidades culturais.

Tais mergulhos, ganham cada vez mais adeptos, desenhando rizomas de campos a serem investigados. Cabe aos interessados, mesmo na solidez típica de sua geração, aproximar da geração líquida para enriquecer seu processo, bem como ser um componente relevante nessa fusão de estados, os quais estão ainda em ebulição, (Figura 4.6) em metamorfose.

Referências

ASSIS, C., & NEPOMUCENO, C. *Estudos contemporâneos de cultura. Processos culturais: endoculturação e aculturação*. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo. A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp.197-221). São Paulo: Brasiliens, 1994.

CARVALHO, A., ELER, R., & PEREIRA, S. E-Reflexos. Instalação interativa. In *14º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*. Aveiro, 2015. Acedido a 05 de novembro de 2015, em <http://art.medialab.ufg.br>

ELER, R. A Educação do Século XXI nas mãos da inteligência coletiva: narradores midiáticos nos reflexos dos narcisos digitais (Tese de Doutorado publicada). UAlg/UAb-Portugal, 2015. <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5477>

HAN, B.-C. *A sociedade da transparência*. Lisboa: Relógio D' Água, 2014.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação* (2 edição). São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. *A inteligência Coletiva. Para uma antropologia do ciberespaço*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LIMA, C. As visões fotográficas das margens de Salvador, Bahia: experiências narrativas do fotógrafo-narrador. Anais do XII *World Congress on Communication and Arts*, COPEC-Science and Educacion Researche Center, Salvador/Bahia, ISSN 2317- 1707, 2015.

ROCHA, C. *Pontes, janelas e peles. Cultura, poéticas e perspectivas das interfaces computacionais*. Goiânia: FUNAPE: Media Lab / CIAR/ UFG, 2014.

SILVA, I. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

Submissão: Jan 2018
Aprovado: Jun. 2018